

Fome é que leva crianças aos hospitais de Brasília

Márcia Turcato

BRASÍLIA — A fome é a principal causa das hospitalizações infantis registradas no Distrito Federal. Das 500 crianças internadas mensalmente nos oito hospitais públicos da capital do país, 30% estão desnutridas, a maior parte com idade máxima de 5 anos. Entre as crianças com menos de 1 ano de idade hospitalizadas, o índice de desnutrição alcança 60%. Meninos de 2 anos, que deveriam ter um peso médio de 13 quilos, chegam ao hospital pesando oito quilos, com seu desenvolvimento físico, motor e intelectual irremediavelmente comprometido.

A situação de miséria, que deveria ter sido atenuada com o Programa de Suplementação Alimentar, do Ministério da Saúde, agravou-se nos últimos dois anos. O programa oferece mensalmente uma esquelética ração de dois quilos de arroz para cada uma das 70 mil pessoas cadastradas pela Secretaria de Saúde do Distrito Federal, quando a demanda é pelo menos quatro vezes superior.

— Normalmente essas crianças vêm do Nordeste com as famílias e já chegam a Brasília desnutridas. A situação se agrava quando os pais não conseguem emprego. Em consequência, a alimentação, que já era precária, passa a inexistir — constatou a nutricionista Maria Olimpia Gardino, coordenadora do Sistema de Vigilância Epidemiológica Nutricional (Siven) da Fundação Hospitalar do Distrito Federal.

Trabalhando há cinco anos como nutricionista do serviço público de saúde, há dois anos Maria Olimpia cadastra as crianças desnutridas hospitalizadas para ter um perfil

científico da situação em que vivem. De uma população aproximada de 2 milhões de habitantes em Brasília e nas 11 cidades-satélites, população que tem um terço de crianças, a coordenadora do Siven identificou que o maior número de internações é de crianças que moram em Ceilândia, a cidade mais pobre do Distrito Federal; em Vila Paranoá, uma favela próxima à mansão do presidente eleito Fernando Collor de Mello; e em Vila Samambaia, assentamento semi-urbanizado a 30 quilômetros do centro da capital.

— São áreas que concentram população de baixa ou nenhuma renda. Nesses locais, um simples sarampo pode levar uma criança à morte, porque ela não dispõe de resistências por estar mal alimentada. No Plano Piloto pode-se dizer que não existe caso de desnutrição infantil, pois a renda do morador nessa área é elevada, permitindo uma alimentação farta e sadia para a família — afirmou a nutricionista.

O objetivo de Maria Olimpia é prevenir a desnutrição infantil, através de um trabalho educativo feito pelos 50 postos de saúde do Distrito Federal.

— Quando a família levar a criança a um posto em busca de remédio, vamos ensinar métodos alternativos de alimentação, se o problema for nutricional. São alimentos disponíveis nos cerrados de Brasília, como a manga, o buriti, ou o caju silvestre.

Além dessas frutas, a nutricionista sugere o consumo do farelo de arroz e de trigo, rico em ferro e em vitaminas B1 e B2. A formação de uma horta caseira, com o cultivo de alpinim, batata-doce e caruru, também é recomendada.